

UM OUTRO ESPECTRO, A MESMA EUROPA: A PERSISTÊNCIA DE FLAUBERT COMO PROBLEMA SOCIOLÓGICO.

José Diniz da Costa Junior (PIC/UEM), Walter Lúcio de Alencar Praxedes, e-mail: walterpraxedes2@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Ciências Sociais / Maringá, PR.

CIÊNCIAS HUMANAS – Ciências Sociais – Sociologia

Palavras-chave: Sociologia da literatura, Flaubert, Cotidiano burguês, Representação.

Resumo:

Considerando a relevância da categoria burguês como central na produção literária e sociológica, este trabalho problematiza o modo como as análises literárias contemporâneas constroem suas descrições históricas e suas explicações sociológicas sobre o modo de existir e intervir da classe burguesa. Toma como princípio o romance de Flaubert, “A educação sentimental” (2016), para especular a respeito das práticas da burguesia durante as jornadas de junho de 1848 – momento de inflexão política, social e literária – e descobrir as ressonâncias desse fenômeno histórico no caráter literário do pós-junho. Em síntese, este trabalho descreve o tipo de *bourgeois* narrado por Flaubert, em contraponto com outros tipos clássicos de *bourgeois* descritos por Moretti e Dolf Oehler. Faz-se isso a partir de uma leitura comparada de obras específicas dos autores. O objetivo é matizar os tipos de descrições e representações sociológicas desenvolvidas por sociólogos e literatos, e ampliar o que se entende como essencial e característico ao romance realista moderno.

Introdução

Para além da potência política e da análise sociológica perspicaz, Flaubert também pregou peças nos analistas de outras gerações: de Sartre à Bourdieu, passando por Dolf Oehler e Franco Moretti. Interessa perceber, então, os modos como esses autores reivindicam suas interpretações a respeito do romance moderno, do realismo literário e do papel central da burguesia no percurso histórico da modernidade. Para tanto, faremos um apanhado geral do processo de desenvolvimento do campo da sociologia da literatura, demonstrando tendências, escolas e métodos específicos dessa disciplina. Os autores que mais nos interessam mais, nesse trabalho, são: Moretti e Oehler, principalmente por suas visões antagônicas acerca do

cotidiano burguês, desenvolvidas nos trabalhos: *O burguês* (2014), de Moretti, e *O velhos mundo desce aos infernos* (1999), de Dolf Oehler.

Materiais e métodos

O método de trabalho será a análise bibliográfica – canônica e corrente – baseada no comparativismo e com a intenção de analisar os desdobramentos, fenômenos e reflexões acerca da relação conflituosa das interpretações da obra de Flaubert e, sobretudo, do modo como a realidade burguesa se consolidou na Europa do século XIX. Analisaremos conceitos, métodos e teorias a partir da vigilância epistemológica exigida pela metodologia comparativa. Nas palavras de Auerbach (apud SCHALK, 2013, p. 9), “o método comparativo consiste em achar princípios e questões-chave em torno dos quais valha a pena se especializar por abrirem um caminho que conduz ao reconhecimento de conexões, de modo que a luz que estas irradiam ilumina, por assim dizer, uma paisagem histórica”.

Resultados e Discussão

Considerando a importância de compreender o caráter político e cultural do homem econômico moderno, o personagem principal da trama histórica da modernidade é objeto de reflexão de uma plethora de trabalhos acadêmicos e literários, de tal forma que teve sua existência confundida por uma também ampla gama de nomes e conceitos. No caso da palavra-conceito *bourgeois*, a história do conceito é Histórica: seus sentidos e usos se modificaram no decorrer dos processos históricos; em síntese, o sentido da palavra *bourgeois* se altera de acordo com a somatória de eventos históricos, uma vez que esse nome já descreveu diversas posições sociais – incluindo o trabalhador livre e ocupante das cidades, os cidadãos com méritos intelectuais e/ou espirituais e os cidadãos com méritos econômicos (Koselleck, 2012). Nesse sentido, cada nova modificação histórica da posição social do burguês plasmava um novo horizonte semântico à palavra *bourgeois*. Com esse exemplo, Koselleck demonstra a estreita relação existente entre uma história dos conceitos e a história social. A palavra é uma testemunha histórica dos processos sociais; seus sentidos, usos e desusos. A falta de uso e a perda de interesse nesse personagem também é um dado que chama atenção. Essa é uma das justificativas de Moretti na introdução de seu livro sobre esse personagem, *O burguês* (2013), que Moretti analisa os romances realistas de escritores europeus. O livro explora os contextos sociais por trás da forma romanesca. As palavras-chave também recebem uma atenção privilegiada no estudo de Dolf Oehler, uma vez que ele desenvolve um mapa de conceitos a fim de descobrir, através deles, o tipo semântico específico das jornadas históricas de 1848.

No entanto, precisamos pensar na escolha metodológica operada por Moretti quando se nega a utilizar a teoria de Koselleck integralmente: “um conceito

não é somente o indicador dos conteúdos compreendidos por ele, é também seu fator. Um conceito abre determinados horizontes, ao mesmo tempo em que atua como limitador das experiências e das teorias.” (KOSELLECK, pp. 109-110, 2006). Segundo a própria interpretação de Moretti, o conceito é um fator de tensão entre a linguagem e a realidade. Quando Moretti prefere dar ênfase no ajuste e não na tensão do conceito, preterindo o caráter de tensão, próprio da natureza do conceito, Moretti naturaliza a origem burguesa como um devir passivo – confortável, útil, eficiente etc. – ignorando que a origem burguesa, tal qual analisada por Groethuysen, incorpora a mudança, mas também a extinção de determinados estados de existência social (a unidade simbólica e legítima da igreja católica na França, por exemplo). Essa falta de ênfase na tensão também parece estar ligada à sua denegação em fazer um uso mais consistente da história social, e representa uma escolha no próprio modo como Moretti vai interpretar a cultura e a existência burguesa. Se as palavras-chave morettianas são, segundo ele, rastreáveis, uma vez que foram retiradas dos romances analisados por ele, a escolha e o agrupamento desse mapa conceitual foram intencionalmente construídos por ele, porque contribuem para a construção de um tipo ideal da identidade burguesa que remete às virtudes burguesas. É certo que, no entanto, outras palavras-chave poderiam ter sido rastreadas a fim de compor um outro tipo de quadro conceitual. É o que faz, por exemplo, Dolf Oehler (1999), quando analisa o junho de 1848 em Paris. Convém afirmar que os tipos de análise são diferentes: Oehler analisa um momento de extrema inflexão, opostamente ao tipo de análise feita por Moretti, que recorre à cotidianidade da existência burguesa. Mas que tipo de burguesia encontramos nas páginas de Oehler? Ou melhor: o que podemos descobrir sobre a burguesia e o *bourgeois* quando visto sob a análise de junho? Que tipo de romance se origina a partir da experiência sanguinolenta de 1848? Certamente, existe um contraste muito evidente entre *O burguês* e *O velho mundo desce aos infernos*.

Conclusões

Significa dizer, então, que a história de Frédéric, em *A educação sentimental*, não dá conta de assimilar a tensão fundamental da história social pré e pós-1848? O romance estaria mais vinculado a apresentação de sentimentos e fatos – evolução lenta do personagem passivo – e estruturalmente despreocupado com o conflito trágico da existência? Segundo Oehler, não. Flaubert opera na chave da sutileza e incorpora, dentro de seu sistema literário, a semântica histórica do junho de 1848. Mas faz isso de um modo analítico e distanciado, incorporando sutilezas específicas e o modelo formal típico descrito por Moretti. As tensões estão ali, evidentemente. É a dupla hélice incorporada pela descrição: ajuste e tensão. O romance descreve as tentativas de ajuste, negociações, horizontes do possível, impossibilidades, conflitos de interesse. A burguesia como um duplo: paixão serena.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Walter Praxedes, que soube ter a paciência necessária para indicar os caminhos e propor ideias que tornaram possível a realização deste trabalho.

Referências

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 1994.

FLAUBERT, Gustave. *A educação sentimental*. Ed. Companhia das Letras, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. *Begriffsgeschichte and Social History*. In: *Futures Past: On the semantics of historical time*. Nova York, 2004.

MORETTI, Franco. *O burguês*. Ed. Três culturas, 2003.

OEHLER, Dolf. *O velho mundo desce aos infernos: auto-análise da modernidade após o trauma de Junho de 1948 em Paris*. Companhia das Letras, 1999.